

## CRÍTICA LITERÁRIA

# José Luís Hopffer C. Almada – “Praianas - Revisitações do Tempo e da Cidade”

Por Ricardo Riso

*Um agradecimento especial a José Luis Hopffer C. Almada pela generosa atenção e pelas relevantes informações para a melhor tessitura deste texto.*

José Luís Hopffer C. Almada é um dos mais complexos poetas revelados no pós-independência cabo-verdiano, em razão da variedade heteronímica que compõe a sua produção poética e da relação desta com a sua biografia.

Nascido em 9/12/1960 na aldeia de Pombal, cresceu na vila da Assomada - Concelho de Santa Catarina, na Ilha de Santiago, passou a adolescência na Cidade da Praia, capital do país, e, posteriormente “para além da ilha”, concluiu os estudos universitários na germânica Leipzig. Toda essa trajetória é rememorada em seus poemas e fragmentada nos heterônimos desenvolvidos pelo poeta, também ensaísta e jurista. Participou ativamente de várias manifestações culturais em seu país, tais como o Movimento Pró-Cultura, a Associação de Escritores Cabo-Verdianos, as revistas Pré-Textos e Fragmentos (da qual foi o diretor) e a editora Spleen-Edições. Organizou, ainda nos fins dos anos oitenta do século passado, a antologia “Mirabilis – de veias ao sol” (1998). Em poesia publicou “À Sombra do Sol I e II” (1990), “Assomada Nocturna” (1993), “Assomada Nocturna – Poema de NZé di Sant’ y Agu” (2005) e “Praianas – Revisitações do Tempo e da Cidade” (2009). Para além de autor de “Síndromas de orfandade identitária e funcionalização político-ideológica nos discursos culturais caboverdianos” (separata da revista Direito e Cidadania) e coordenador da obra



coletiva “O ano mágico de 2006 -olhares retrospectivos sobre a história e a cultura caboverdianas”, José Luís Hopffer Almada é autor de inúmeros artigos e ensaios, de teor literário, cultural e jurídico, dispersos por diversas publicações caboverdeanas e estrangeiras.

O amálgama heteronímico a que acima se fez referência é descrito por Hopffer Almada em seu primeiro livro de poesia, “À Sombra do Sol”, onde apresenta a origem dos seus múltiplos nomes literários. NZé di Sant’ y Agu é

“a minha personalidade castiça e lusófona, profundamente ancorada no chão telúrico de Santiago de Cabo Verde (...), simboliza a sacralização dos elementos essenciais da nossa mitologia: os santos (em primeiro lugar, o Santo lago (...)) e a Água; a ilha, a raiz do arquipélago. Zé sou eu”. (ALMADA, 1990, p. 14)

Os outros são assim discriminados:

“Erasmus e Alma Dofer simbolizam a minha ascendência germânica; Tuna é o nome da única avó que conheci pessoalmente (a mãe da minha mãe); Dionísio é como se chamou o pai da minha mãe; Cabral, Furtado e de Deus são apelidos dos meus pais. Por vezes são os lugares da minha ascendência e infância que são evocados; Fonteana é o sítio onde nasceu e cresceu minha mãe; Fonteana é também o lugar de rebeldia cabo-verdiana anti-morgadio, no século passado.” (ALMADA, 1990, p. 14)

Feita a necessária apresentação da formulação poética de Hopffer Almada, podemos chegar a seu livro “Praianas – Revisitações do Tempo e da Cidade” (Praia: Spleen Edições, 2009) do qual consta uma visceral capa de Abraão Vicente e um posfácio muito bem elaborado por Rui Guilherme Gabriel. Em “Praianas”, o autor retoma seus heterônimos (alguns o acompanham desde o final dos anos 1970), para reunir poemas sobre a Cidade da Praia e inclui-se na vasta lista de poetas que se inspiram na capital como Arménio Vieira e Filinto Elísio. Os olhares diversificados e diferenciadas características dos heterônimos dissecam o passado e o presente não só da Praia, mas de todo Cabo Verde.

O livro “Praianas-Revisitações do Tempo e da Cidade” é dividido em quatro cadernos: “Poeticidades” corresponde àquele que se pretende lírico e existencialista, Alma Dofer Catarino; “Noiticidades” revela a faceta voraz e crítica de Erasmo Cabral de Almada; enquanto “Historicidades” e o longo e épico poema narrativo “Praianas” (recomenda-se as considerações de Rui Guilherme acerca de gênero) pertencem ao seu heterônimo mais telúrico, vinculado às ilhas e à cultura de Cabo Verde, NZé di Sant’ y Agu.

Apesar de comparecer apenas com dois poemas, Alma Dofer Catarino transborda lirismo e elegante ironia em “O desterro do poeta”, poema-homenagem a Arménio Vieira, ao mencionar o incômodo causado não só pela sua poesia, mas também pela sua presença: “Dizem/ consumias demasiado café (...) Por isso/ instaram-te a mudar/ o teu indeclinável percurso/ de todos os dias/ e proibiram-te de consumir café” (p. 103-105).

O olhar corrosivo e amargo diante da situação do país, nos anos oitenta e noventa do século passado, revela-se nos poemas atribuídos a Erasmo Cabral de Almada. As incongruências do cotidiano desarticulam-no, deixando-o acompanhar “o irresistível declínio dos dias” (p. 114) e tornando txibita, uma das personagens arquetípicas da cidade marginal, “apátrida na sua pátria c.v.” (p.112). A acidez configura-se nas transformações descaracterizadoras ocorridas na Cidade da Praia, “a nossa cidade está de nojo” (p. 115), pois os “sobreviventes da cidade indignam-se com a transfiguração do planalto”, com a degradação do centro nevrálgico da cidade e dos subúrbios (p. 120).

Todavia, o engrandecimento deste livro se dá nos poemas de NZé di Sant’ y Agu. O seu apego ao chão de Cabo Verde e a constante rememoração do passado histórico estimulam o poema “Monte-Agarro” (p.95), integrante de “Historicidades”, a celebrar os heróis da revolta de 1835: Gervásio, Narciso e Domingos. Mas é na retomada e no aprofundamento de características das duas versões de “Assomada Nocturna” que o longo “Praianas” se destaca. Estão lá a evocação, a anáfora, o uso constante da adjetivação e do gerúndio, o discurso metafórico, a enumeração incansável de pessoas, lugares e fatos, e a reconstituição do passado pela memória individual (biográfica) e coletiva (histórica).

Em “Praianas”, dezenas de colegas de infância são convocados para rememorar o passado biográfico através da pergunta “Lembras-te?”, tornando-os testemunhas de um tempo ido minuciosamente detalhado por NZé di Sant’ y Agu. Por outro lado, a resposta se dá por uma voz no tempo presente, “Todos nós éramos”, para mostrar o amadurecimento e a tomada de consciência desses meninos, “atentos escrutinadores” (p. 26), indicando a memória histórico-coletiva.

Na primeira parte do poema, temos a chegada dos meninos à Praia com suas “almas ávidas das luzes da cidade” (p. 18), o duro aprendizado na urbe, a solidão, a iniciação sexual – “na lenta combustão do enamoramento / no inesperado ateamento do fogo da paixão” (p. 20) –; até o amadurecimento da consciência política, “Todos nós éramos / criaturas desconfiadas / (...) dos que exaltavam / a necessidade de confraternização / entre os cidadãos de todos os recantos / da transpátria imperial portuguesa” (p. 50-51); e do momento histórico em que viviam: “da multidão libertando os medos seculares” (p. 49).

Na segunda parte, reduz-se a saga dos meninos e enfatiza-se a luta pela libertação do país ao recorrer aos primeiros presos políticos cabo-verdianos conotados com José Leitão da Graça, aos participantes da luta armada e da luta política clandestina presos no tristemente célebre campo de concentração Tarrafal e conotados com o PAIGC; aos “outros milhares de militantes armados de combatentes anônimos” guineenses (p. 78) contrários ao colonialismo; e recupera até os deploráveis termos jurídicos do estado salazarista de quando aconteciam as prisões: “por isso plenamente merecedores de pena / de prisão e de outras medidas de segurança” (p. 63). Assim como retoma os combates pela África e a mobilização pela diáspora: “dos seus camaradas internacionalistas / médicos professores conselheiros militares / cubanos angolanos cidadãos da república de la guinée / e de outras nacionalidades e de outras humanas proveniências” (p. 77). A colaboração das mulheres também é lembrada: “locutoras audazes temidas vozes da rádio libertação / pejorativamente chamadas marias turras pelos porta-vozes / das rádios coloniais” (p. 76).

Prazerosas são as diversas citações à literatura cabo-verdiana encontradas em “Praianas”. Pertinente e bela a participação descrita dos “poetas pastores da noite” (p. 61), “versados na arte poética de intervenção social (...) / dotados na ciência da revolta e do inconformismo (...) / da palavra contestatária detonadora de ânimos novos” (p. 58). São recriadas passagens poéticas como em “eis-nos aqui continente nosso áfrico” (p. 70), que remete ao “Eis-me aqui África” de Mário Fonseca, a Kaoberdiano Dambará e Ovídio Martins, entre tantos outros; ensaísticas, como as referentes a Gabriel Mariano; obras literárias, como “Saga” de Onésimo Silveira; e personagens ficcionais como João Cabafume, do conto “Vida e Morte de João Cabafume”, de Gabriel Mariano. Além disso, temos as emocionantes passagens dedicadas ao líder do PAIGC, Amílcar Cabral: “sempre gratamente louvado como Cabral / sempre simplesmente chamado amílcar” (p. 77); e a nomes importantes da Negritude como Aimé Cesairé e a sua “postulação irritada da fraternidade” (p. 70)

Este “Praianas” consagra a plena maturidade poética de José Luis Hopffer C. Almada, o seu apuro estético e formal, consubstanciado na sua incessante e incansável lapidação da palavra. Através da revisitação constante ao passado recente e valendo-se da sensibilidade à flor da pele na recriação literária, Hopffer Almada presta sua contribuição ao re-encenar em uma tessitura poética comovente a história recente de Cabo Verde, como podemos inferir nesta passagem que encerra este texto: “Todos nós éramos / entusiastas da saga heróica / dos combatentes da liberdade / da pátria africana do meio do mar” (p. 77).